



**NOTAS SOBRE O REGIONALISMO EM ANTONIO CANDIDO
E A FORMAÇÃO DO PENSAMENTO BRASILEIRO**

**NOTES ABOUT REGIONALISM IN ANTONIO CANDIDO
AND FORMATION OF BRAZILIAN THOUGHT**

Fernando Cerisara Gil
fcgil61@gmail.com
Universidade Federal do Paraná- UFPR

Resumo: O artigo analisa a noção de regionalismo em alguns ensaios de Antonio Candido e a sua relação com o pensamento social do próprio autor. O estudo procura caracterizar a compreensão do crítico sobre o conceito, mostrando que há uma oscilação no modo de entender o fenômeno entre uma postura mais analítica e uma de maior ajuizamento. A ideia é a de que essa irá predominar na sua maneira de abordar o regionalismo, e a base para elucidar a posição negativa sobre esse pode estar vinculada à compreensão que o autor tem da própria formação histórico-social brasileira, explicitada em seus estudos de sociologia.

Palavras-chave: Antonio Candido, regionalismo, subdesenvolvimento, literatura regionalista.

Abstract: The article analyzes the notion of regionalism in some essays by Antonio Candido and his relationship with the author's own social thought. The study seeks to characterize the critical's understanding of the concept, showing that there is an oscillation in the way of understanding the phenomenon between a more analytical posture and one of greater judgment. The idea is that this will predominate in his way of understanding regionalism, and the basis for elucidating this negative position on regionalism may be linked to author's own understanding of Brazilian historical-social formation, explained in his studies of Sociology.

Keywords: Antonio Candido, regionalism, underdevelopment, regionalist literature.



Considerando a trajetória intelectual e acadêmica de Antonio Candido, podemos notar que o interesse pelo estudo da cultura e da vida social “rústica”, rural, não urbana, tomou parte considerável, se não a principal, de sua atenção como sociólogo. Já como crítico e historiador da literatura, Candido é um observador atento das manifestações da literatura não urbana, comumente chamada de literatura regionalista. Nesse âmbito, o regionalismo para Antonio Candido ora pode ser aspecto integrante da obra ou de um conjunto de obras em exame, ora pode ser elemento que ilumine algum ponto da teoria e da prática literária, ou ainda pode estar relacionado às dinâmicas internas diversas que se estabelecem entre literatura e sociedade.

Ainda na comparação entre o sociólogo e o crítico literário que perscrutam um campo comum de interesse, a “sociedade rústica”, a “cultura caipira”¹, a matéria rural e a literatura regional, o sociólogo produziu estudos específicos ao seu campo de conhecimento. O trabalho nuclear, nessa área, é a sua tese de doutorado, *Os parceiros do Rio Bonito* (1954), a que se vinculam outros trabalhos diretamente relacionados, como *The Brazilian family* (1951), *A vida familiar caipira* (1954), *L'Etat actuel et les problèmes les plus importants des études sur les sociétés rurales du Brésil* (1955), *Possíveis raízes indígenas de uma dança popular* (1956), para se mencionar alguns².

Talvez possa se afirmar sem equívocos que os grupos sociais e as culturas rurais marginais ao sistema dominante são os objetos centrais de interesse e de estudos sistemáticos do sociólogo Antonio Candido.

Já o crítico literário (diga-se aqui, entre parêntese, que o sociólogo sempre

1

São expressões utilizadas pelo Candido no livro *Parceiros do Rio Bonito*.

2

As informações sobre a produção e as atividades de Antonio Candido, quando professor de sociologia, são do livro *A tradição esquecida: Os parceiros do Rio Bonito e a sociologia de Antonio Candido*, de Luiz Carlos Jackson.



Revista Araticum
Dossiê Antonio Candido

Programa de Pós-graduação em Letras / Estudos Literários da Unimontes
v. 20, n. 2, 2019
ISSN: 2179-6793

45

conviveu com o crítico e o historiador de literatura, enquanto o nosso autor desenvolvia as suas atividades como professor de sociologia, no período de 1942 a 1958; apenas em 1959 assumirá a docência em literatura propriamente³), considerando o conjunto de sua obra por esse outro prisma, parece não haver dúvida sobre a importância que Candido atribui ao regionalismo como um dos vetores formativos da literatura brasileira. Regionalismo que pode ser entendido aqui como espécie de versão erudita, letrada e impressa, ao menos em alguns de seus âmbitos, daquela cultura oral, popular, rural, tradicional e não letrada estudada empiricamente pelo sociólogo. A relevância dessa linhagem está exposta em diferentes momentos, formas e atitudes críticas. Nosso autor não chegou, contudo, e curiosamente, a produzir estudo específico sobre o tema. O regionalismo é sempre abordado como parte de uma ordem de preocupação maior que Antonio Candido tem em vista. O reconhecimento da importância do regionalismo e ao mesmo tempo a sua abordagem sempre por assim dizer lateral talvez tenha algo de revelador e significativo da posição de Antonio Candido sobre o tema. Por outro lado, é possível dizer que a abordagem parcial é tão recorrente ao longo do seu pensamento que nos permite ter, se não uma visão sistemática, ao menos ampla e significativa do problema. Nesse sentido, como parte central dessas breves anotações, gostaria de recuperar algumas formulações para tentar situar o seu pensamento sobre o regionalismo.

Das formulações de Antonio Candido a respeito do assunto, talvez possamos considerar o capítulo intitulado “A corte e província”, presente na *Formação da literatura brasileira*, como o seu estudo mais sistemático sobre o regionalismo, e nele, ainda, a parte dedicada ao exame da obra de Franklin Távora. Muito precisamente chamada “O regionalismo como programa e critério estético”, Candido concebe Franklin Távora como “fundador” dessa linhagem em

3

Nesse trânsito amplo do autor entre as duas áreas, Luiz Carlos Jackson nos lembra que as duas obras seminais de Antonio Candido, nessas esferas de atuação, *Parceiros do Rio Bonito* e *Formação da literatura brasileira*, foram escritas praticamente no mesmo período, 1945-1957.



nossa literatura, pois teria sido o primeiro a elaborar um programa de características regionais como princípio de independência para o que chamou de “Literatura do Norte”. Segundo o nosso autor, o regionalismo de Távora se basearia em três fatores que continuaram a ter presença em nossa literatura, em proporções variadas, ao longo do tempo, a saber: 1) o senso da terra, da paisagem que condiciona tão estreitamente a vida de toda a região, marcando o ritmo de sua história; 2) o que Candido denomina de “patriotismo regional” ou da criação do “equipamento ideológico do bairrismo”, que seria certo orgulho de tradições passadas; e 3) a disposição polêmica de reivindicar primazia nacional ao Norte na compreensão de que ali “abundam os elementos de uma literatura propriamente brasileira” (Franklin Távora)⁴.

Mais importante para o ponto de vista desse ensaio é destacar o fato de que Antonio Candido compreende o surgimento de tal linhagem como parte constitutiva da “diversidade que presidiu à formação e desenvolvimento da nossa cultura”, no contexto histórico de uma unidade política e territorial obtida a duras penas. Na base dessa diversidade cultural estaria a matriz histórica do processo de colonização o qual se forjou “em núcleos separados, praticamente isolados entre si: o desenvolvimento econômico e a evolução social foram, assim, bastante heterogêneos, consideradas as diferentes regiões”⁵.

Num ensaio contemporâneo à redação de *Formação*, de 1946, sobre *Sagarana* que acabara de ser lançado, Antonio Candido abre esse seu texto com uma observação que parece ecoar, ainda, as afirmações do estudo sobre Távora pelo modo como compreende a relação entre diversidade cultural-literária e desenvolvimento econômico e evolução social heterogêneas como fator determinante para o surgimento do regionalismo. Candido, ainda que de

4

CANDIDO, 2006, p. 615.

5

CANDIDO, p. 614.



Revista Araticum
Dossiê Antonio Candido

Programa de Pós-graduação em Letras / Estudos Literários da Unimontes
v. 20, n. 2, 2019
ISSN: 2179-6793

47

passagem, nota que a chegada da literatura regionalista à “ribalta gloriosa e avassaladora”, nas primeiras décadas do século XX, estaria ligada a um forte momento de federalismo no país. Para parte dos nossos escritores e intelectuais, o patriotismo se afirmaria, diz Candido, como reação de unidade nacional⁶, estabelecida ao longo do século XIX pelo Império. Perspectiva essa que seria modificada, logo a seguir, com o período getulista e a retomada, mais uma vez, das forças centralizadoras. Na reflexão proposta por Antonio Candido haveria uma correlação muito estreita entre as forças e os vetores sociais, históricos e políticos de centralização e descentralização que rebateriam, de algum modo, na dinâmica literária interna, voltando-se essa ora mais para o local (regional), ora mais para o nacional.

Essa compreensão de Candido sugere se pôr em linha de continuidade com aquela presente na análise da obra de Franklin Távora. A ideia do desenvolvimento econômico e da evolução social bastante heterogêneos, configurando diferenças culturais regiões que contam de algum modo, parece estar na origem da constituição de forças centralizadoras e descentralizadoras que atuaram ao longo do tempo e definiram certo andamento histórico.

Mas, como foi dito, isso é uma parte menor do seu ensaio sobre *Sagarana*. O artigo tem uma ironia acerba sobre a literatura regionalista, num tom bem acima do costumeiramente usado pelo autor. Em tom irônico, Candido encena o que seria a vida de um escritor de/na província. O ponto central da argumentação do artigo, todavia, é mostrar que *Sagarana* é uma ultrapassagem do regionalismo pitoresco produzido até então. Nas palavras de Antonio Candido, com Guimarães Rosa, “todos os fracassos dos seus predecessores se transformaram, em suas mãos, noutros tantos fatores de vitória”⁷. Assinala ainda que “Sagarana nasceu

6
CANDIDO, 2002, p. 183.

7
CANDIDO, p. 187.



Revista Araticum
Dossiê Antonio Candido

Programa de Pós-graduação em Letras / Estudos Literários da Unimontes
v. 20, n. 2, 2019
ISSN: 2179-6793

48

universal pelo alcance e a coesão da fatura. A língua parece finalmente ter atingido o ideal da expressão literária do regionalismo”⁸.

O que gostaria de destacar, neste ponto, é uma espécie de visada dupla de Antonio Candido, ora vendo o regionalismo como parte de uma diversidade histórica, cultural e literária constitutiva do que somos, ora ainda compreendendo-o como parte desse caráter híbrido, “mestiço”, mas predominantemente como *a parte problemática* daquilo que nos constitui em todos os âmbitos. Minha hipótese de leitura é que é essa segunda posição, com presença já marcante no ensaio de 46 sobre *Sagarana*, que irá predominar.

Essa última posição e suas razões estarão marcadas com mais ênfase nos ensaios do final dos anos 60 e dos anos 70. No clássico ensaio *Literatura e subdesenvolvimento* (1970), a presença do regionalismo é um dos veios para debater as derivações do atraso e da falta de desenvolvimento, do ponto de vista histórico e literário. O autor reconhece que o regionalismo foi etapa necessária à evolução literária, uma vez que fez “a literatura focalizar a realidade local”⁹. Entretanto, no centro do pensamento de Antonio Candido o regionalismo passa a ser compreendido, menos como decorrência de formações regionais diferenciadas (ainda que com desenvolvimento socioeconômico desigual), e muito mais como resultado do atraso histórico e social. Fundamentalmente, o regionalismo literário seria fruto de regiões atrasadas, subdesenvolvidas. Desde o romantismo, anota Candido, “a realidade econômica do subdesenvolvimento mantém a dimensão regional como objeto vivo, a despeito da dimensão urbana ser cada vez mais atuante”¹⁰.

No ensaio *A literatura e a formação do homem* (1972), o crítico persegue a

8

CANDIDO, p. 186.

9

CANDIDO, 1987, p. 159.

10

CANDIDO, 159.



Revista Araticum
Dossiê Antonio Candido

Programa de Pós-graduação em Letras / Estudos Literários da Unimontes
v. 20, n. 2, 2019
ISSN: 2179-6793

49

mesma linha de raciocínio ao dizer que o regionalismo “existiu, existe e existirá enquanto houver condições como as do subdesenvolvimento, que forçam o escritor a focalizar como tema as culturas rústicas mais ou menos à margem da cultura urbana”¹¹. Assim, tanto as áreas do subdesenvolvimento quanto os problemas do atraso “invadem o campo da consciência e da sensibilidade do escritor, propondo sugestões, erigindo-se em assunto que é impossível evitar”¹².

Antes de mostrar certas implicações dessa relação estreita entre regionalismo e atraso para a literatura, cabe ao menos assinalar que no estudo *A nova narrativa* (1979), Candido retorna a certas considerações mais propriamente formativas sobre o lugar do regionalismo. Volta a fazer referência à figura de Franklin Távora como balizador do debate desde o século XIX e também ao crítico Viana Moog, já no século XX, esse procurando mostrar como o Brasil se constitui de “literaturas setoriais diversas, refletindo as características locais”¹³. O aspecto que quero sublinhar aqui é a ideia de Antonio Candido segundo a qual as diferenças locais expressas pelo regionalismo corresponderiam, em alguns casos, a “literaturas nacionais atrofiadas”. Essas literaturas ainda significariam, no plano geral, uma procura dos elementos específicos da nacionalidade¹⁴. Esse andamento constituiria parte daquele movimento de síntese de tendências universalistas e particularistas ou cosmopolitistas e localistas, que Candido indicou ser o ritmo histórico do nosso processo literário formativo¹⁵.

A leitura em conjunto desses artigos sugere que ao longo do tempo esse

11

CANDIDO, 2002, p. 86-87.

12

CANDIDO, 1987, p. 157-158.

13

CANDIDO, 1987, p. 200.

14

CANDIDO, p. 202.

15

Esse é um dos pressupostos fundamentais da dinâmica do nosso sistema literário, nos termos apresentado em *Formação da literatura brasileira* e também, entre outros, no ensaio *Literatura e cultura de 1900 a 1945* (CANDIDO, 1976).



andamento histórico foi se estabelecendo mais como visão de juízo sobre o lugar do regionalismo na nossa literatura, deixando de ser menos compreendido como fenômeno de análise e descrição. No caso, esta dialética consistiria numa tensão entre forças centrípetas e centrífugas que poderiam ser compreendidas em dois níveis diferentes, mas indissociáveis. E aqui também entramos na relação implicada entre regionalismo e atraso, aspecto central da discussão proposta.

As tendências centrípetas corresponderiam a forças centralizadoras, a forças históricas da unificação política, enquanto que as tendências centrífugas se referem àquelas ligadas ao isolacionismo cultural, histórico e político, portanto, descentralizadoras. As primeiras forjariam o chão histórico da literatura urbana, com a descrição das cidades grandes, se pensarmos no século XIX, sobretudo o Rio de Janeiro, sobrepondo à “diversidade do pitoresco regional uma visão unificadora”. Esta linhagem estabeleceu

uma espécie de linguagem culta comum a todos e a todos dirigidas: a linguagem que procura dar conta dos problemas que são de todos os homens, em todos os quadrantes, na moldura dos costumes da civilização dominante, que contrabalança o particular de cada zona¹⁶.

Haveria em nossa literatura uma opção estética pelas formas urbanas, universalizantes, “que ressaltam o vínculo com os problemas supra-regionais e supranacionais”¹⁷, as quais seriam os melhores produtos da nossa ficção, o mais das vezes, diz Candido, desprovidos de qualquer pitoresco¹⁸. Já, por sua vez, o regionalismo estaria associado ao isolacionismo, à visão particularista, originário das forças centrífugas. Organicamente vinculada à terra, a literatura regionalista,

16 CANDIDO, 1987, p. 203.

17 CANDIDO, p. 203.

18 CANDIDO, p. 161.



com funções variadas ao longo do tempo, se prenderia ao descritivismo local, ao documental, ao pitoresco negativo. Seus melhores momentos estariam em algumas narrativas do chamado romance de 30 e na sua ultrapassagem, pela obra de Guimarães Rosa, como *Candido* já apontava desde o ensaio sobre *Sagarana*, de 1946. Até mais do que outros ficcionistas ligados ao refinamento e ao cosmopolitismo da cultura urbana, autor de *Grande sertão: veredas*

(...) alcançou o mais indiscutível universal através da exploração exaustiva quase implacável de um particular que geralmente desaguava em simples pitoresco (...) Guimarães Rosa cumpriu uma etapa mais arrojada [do que Machado de Assis]: tentar o mesmo resultado sem contornar o perigo, mas aceitando-o, entrando de armas e bagagens pelo pitoresco regional mais completo e meticuloso, e assim conseguindo anular como particularidade, para transformá-lo em valor de todos. O mundo rústico do sertão ainda existe no Brasil, e ignorá-lo é um artifício. Por isso ele se impõe à consciência do artista, como à do político e do revolucionário. Rosa aceitou o desafio e fez dele matéria, não de regionalismo, mas de ficção pluridimensional, acima do seu ponto de partida contingente.¹⁹

No plano dos conceitos a superação do regionalismo leva o nosso crítico a conceber a noção de *super-regionalismo*, a qual “corresponde à consciência dilacerada do subdesenvolvimento e opera uma explosão do tipo de naturalismo que se baseia na referência a uma visão empírica do mundo”²⁰. Essa “universalidade da região” passa a vigorar com a obra de Guimarães Rosa (mas que Antonio Candido a situa também como fenômeno histórico e literário da produção latino-americana, identificando nomes como os de Juan Rulfo, Alejo Carpentier, entre outros), ao articular-se “de modo transfigurador com o próprio

19

CANDIDO, p. 207.

20

CANDIDO, p. 161-162.



material daquilo que foi um dia o nativismo”²¹.

Nesta altura, talvez seja possível armar a seguinte equação a respeito da compreensão de Antonio Candido sobre o regionalismo ao longo do tempo. Reconhecendo o regionalismo como uma linhagem forte na constituição da literatura brasileira, em suas abordagens sempre parciais e freqüentes sobre o tema, Antonio Candido sugere oscilar a sua perspectiva entre dois polos: ora o regionalismo é entendido como parte da formação social e econômica heterogênea do país, desde a colonização, do que resultaria a nossa diversidade cultural e literária; ora é visto, sobretudo, como fruto do desenvolvimento desigual no interior do qual se reproduziriam regiões com atraso social e econômico, constituindo espaços literários e culturais próprios ao regionalismo. Parece que em ambas as visões se está diante das formas de reprodução do capital e do modo como ele vai configurando espaços sociais diversos. Dito de outra maneira, Antonio Candido, a nosso ver, parece expressar uma compreensão e um sentimento dúplice (e contraditório?) a respeito da circunscrição e da inscrição das culturas tradicionais no bojo da cultura letrada. Às vezes, ele sugere compreendê-la como parte da diversidade formativa do processo social em vários âmbitos e com implicações diversas, outras, como permanência e persistência de precipitados formais e materiais do atraso.

Se nossa leitura não está de todo equivocada, é esta última posição que tende a predominar no pensamento de Antonio Candido, particularmente presente nos ensaios dos anos 70. Isso faz com que regionalismo, atraso cultural e material e constituição literária precária façam parte de uma mesma equação. O ajuizamento negativo do nosso autor se neutraliza quando o regionalismo consegue adquirir viés supra-regional, supranacional e universalista análogo e/ou semelhante às formas urbanas e modernas, como ocorre com Guimarães Rosa.

Feita a sugestão de que o pensamento de Antonio Candido oscila a sua

21

CANDIDO, p. 162.



compreensão do regionalismo ora percebendo-o como parte constitutiva do processo de formação histórica, literária e cultural complexa, variada e multifacetada do país, numa operação de análise descritiva mais “neutra”, ora como parte de regiões que se tornaram “retardárias” no processo de modernização capitalista a que corresponde uma cultura e literatura dominada pelo pitoresco, localismo, provincianismo e isolacionismo, numa visada mais ajuizada do processo histórico e dos seus resultados literários, é importante²², para ao menos tentarmos um entendimento mais amplo do problema, ainda que breve, examinar as possíveis razões dessa oscilação e o predomínio da visão mais negativa sobre o regionalismo.

Para isso talvez seja interessante retornar à comparação, muito genérica, que abriu este artigo entre o sociólogo e o crítico. Quem sabe pelo percurso do sociólogo possamos iluminar a posição do crítico sobre o regionalismo. O mencionado estudo de Luiz Carlos Jackson será, nesse sentido, importante para matizarmos o nosso ponto de vista. Buscando definir e situar o escopo do principal trabalho de sociologia de Antonio Candido no âmbito da tradição universitária que se formava e da tradição do pensamento brasileiro, Jackson observa:

Distanciado dos ensaios histórico-sociais dos anos trinta e quarenta pela tradição teórica e metodológica aqui fixada pelos professores franceses e americanos, *Parceiros do Rio Bonito*, não obstante, se aproxima pela preocupação geral de compreender o processo de formação da sociedade brasileira, indicar os problemas que o emperram e propor mudanças para superá-los. Temos aqui, portanto, a forma de *Raízes do Brasil* ou de *Formação do Brasil contemporâneo*. (...) Como sugere Paulo Arantes a respeito de *Formação da literatura brasileira*, as

22

As duas posições não são excludentes, ao contrário, a noção de regional/regionalismo pressupõe a compreensão do espaço geográfico, social e cultural, em particular o nacional, como formação histórica heterogênea e diversificada. Isso significa dizer que a segunda pressupõe a primeira. O que se busca identificar e caracterizar aqui são as ênfases do pensamento de Antonio Candido ora numa ora noutra, e, a seguir, tentar sinalizar os seus motivos.



Revista Araticum
Dossiê Antonio Candido

Programa de Pós-graduação em Letras / Estudos Literários da Unimontes
v. 20, n. 2, 2019
ISSN: 2179-6793

54

influências mais determinantes não vêm de fora; elas são recolhidas na tradição brasileira e elaboradas teoricamente, na medida em que o objeto de pesquisa, neste caso o universo as culturas rústicas, assim o exige.²³

Embora Jackson compreenda “a forma de *Raízes do Brasil* ou de *Formação do Brasil contemporâneo*” presente em *Parceiros* mais como método e atitude crítica em face do seu objeto, gostaríamos de deslocar a interessante observação sobre o ensaio de Candido para os objetivos da nossa argumentação. Partindo da premissa materialista de que a forma é “a articulação final da lógica mais profunda do próprio conteúdo”²⁴, a “forma” do pensamento de Sergio Buarque de Holanda e Caio Prado Junior presente em Antonio Candido sociólogo é determinada, entre outro fatores, pela “lógica mais profunda do próprio conteúdo” desses dois autores no que se refere ao lugar do espaço rural e suas implicações no modo de compreender a formação social brasileira. E é esse aspecto que pretendemos destacar aqui.

Tanto Sérgio Buarque de Holanda quanto Caio Prado Júnior, em que pesem suas diferenças de abordagem e de objetivos nas obras mencionadas, entendem o espaço rural como instância constitutiva primeira de nossa formação histórico-social, baseada que foi no complexo agrícola exportador, centrado na grande propriedade rural, na mão de obra escrava e na produção de produtos agrícolas

23

JACKSON, 2002, p. 73.

24

JAMESON, 1985, p. 252. Ainda a respeito da relação entre forma e conteúdo, Jameson esclarece: “(...) o que é mais marcante com relação à distinção entre forma e conteúdo é que, a despeito da gama enorme de fenômenos aos quais ela pode ser aplicada, o conceito é essencialmente estético na origem, pois surgiu dos estudos de Hegel sobre teleologia e história da filosofia, para não mencionar a própria arte, ou, em outras palavras, de materiais que pertencem essencialmente à superestrutura. Este é, de fato, o segredo de sua tremenda força nas mãos de Marx: pois o que é *relativamente transparente e demonstrável no domínio cultural, a saber, que a mudança é essencialmente uma função do conteúdo procurando expressão adequada na forma*, é precisamente o que não é claro no mundo reificado das realidades políticas, sociais ou econômicas, no qual a noção de que a “matéria prima” social ou econômica subjacente se desenvolve de acordo com uma lógica própria surge com um efeito explosivo e liberador.” JAMESON, p. 251. Grifos meus.



para exportação ao mercado europeu. Essa organização social e econômica se reproduzirá por séculos no Brasil, com poucas modificações, e será um dos aspectos centrais da nossa “herança colonial”, após a Independência, e, a despeito dessa, adentrando o século XIX e refletindo as suas consequências históricas até o presente da produção dos respectivos estudos, ou seja, os anos de 1936 e 1942.

No caso de *Raízes do Brasil*, apenas para matizar melhor no limite do espaço possível, imagino não ser incorreto afirmar que “a herança rural”, título de um dos capítulos do livro, e a “tentativa de implantação da cultura europeia em extenso território”, particularmente a ibero-portuguesa, (analisada com destaque nos dois capítulos iniciais Fronteira da Europa e Trabalho e aventura) são dois vetores fundamentais daquilo que constituiriam de modo profundo, na visão metafórica de Sérgio Buarque de Holanda, as raízes do Brasil. A implantação da cultura ibero-portuguesa pode ser entendida em sentido amplo no modo como teria se plasmado, se readaptado e se reconfigurado um tipo de personalidade social específica. Essa se caracterizaria, entre outros aspectos, pela cultura da personalidade, pela desimportância dada às formas de hierarquia, que andariam a *pari passu* e num vínculo direto do que resultou, entre nós, na “singular tibieza das formas de organizações”, na “frouxidão da estrutura social” e na “falta de coesão em nossa vida social”²⁵.

A “herança rural”, quando não reitera essa tradição arcaizante portuguesa para cá trazida, processa novas formas de atraso que se iniciam na colônia e se estendem numa experiência social de longa duração. A “autarquia dos domínios rurais brasileiros”, “o predomínio esmagador do ruralismo”, como se refere Sérgio Buarque de Holanda, emerge como espécie de matriz originária de configurações de esferas sociais às mais diversas. O desprezo pelas formas disciplinadas e sistemáticas de trabalho; a formação (ou não formação) da vida política como

25

HOLANDA, 1987, p. 4-5.



patriamonalista-estamental, da precária vida pública e da noção de autoridade centrada no *pater familias*; o caráter ornamental, bacharelesco e ostentatório da vida intelectual e das formas de conhecimento; a fraqueza constitutiva dos centros urbanos – todos esses aspectos, entre outros, estão na base das “ditaduras dos domínios rurais”, articulada às relações de escravidão. Daí observa o autor:

Como esperar transformações profundas em país onde eram mantidos os fundamentos tradicionais da situação que se pretendia ultrapassar? Enquanto perdurassem intatos e, apesar de tudo, poderosos, os padrões econômicos e sociais herdados da era colonial e expressos principalmente na grande lavoura servida pelo braço escravo, as transformações mais ousadas teriam de ser superficiais e artificiosas.²⁶

Em *Formação do Brasil contemporâneo*, por sua vez, a ideia da “herança rural” talvez tenha uma função mais determinante e abrangente em nossa formação histórico social do que em *Raízes do Brasil*. Para Caio Prado Junior, a dinâmica de nossa formação, ou do que ele chamará do *sentido da colonização*, se baseou na produção de diferentes gêneros tropicais ou minerais para o mercado europeu²⁷. Diz o historiador que “a nossa economia se subordina inteiramente a este fim, isto é, se organizará e funcionará para produzir e exportar aqueles gêneros”²⁸.

Os três fatores constitutivos da organização agrária do Brasil colonial foram a grande propriedade, a monocultura e o trabalho escravo. Esses três elementos articulam a grande unidade produtora, o sistema da “grande exploração rural”, no qual “assenta toda a estrutura do país, econômica e social”²⁹. Esta dinâmica

26

HOLANDA, p. 46.

27

PRADO JUNIOR, 2000, p. 20.

28

PRADO JUNIOR, 117.

29



histórica de longa duração é determinante para as “formas inorgânicas”³⁰ que a sociedade brasileira toma, em diferentes esferas, males esses que afligem o Brasil, desde período colonial, e se estendem por três séculos, e que ainda atingem o país, segundo autor, no seu tempo presente, ou seja, o ano de 1942³¹.

Observe-se, nessa rápida tentativa de sistematização de alguns elementos dos dois estudos, que o passado, e particularmente o passado rural, com tudo o que implica, é entendido como a trava central do nosso desenvolvimento histórico-social. Estas obras determinaram e consolidaram a noção e o sentimento de que o campo brasileiro, “a herança rural”, como fenômeno histórico de longa duração, é o lugar do atraso³².

Antes de retornar à questão do regionalismo, gostaria de me ater a uma outra observação de Luiz Carlos Jackson na qual constata que *Parceiros do Rio Bonito* “admite criticamente a tese central de dois ‘Brasis’ distintos: o do interior e o do litoral”³³, formulada n’*Os sertões*. A tese mais ampla de *Parceiros* estaria relacionada ao livro de Euclides da Cunha, a saber: “a existência relativamente autônoma, embora ameaçada, de uma civilização rústica, constituída ao longo do processo de colonização, nos interstícios da sociedade colonial brasileira

PRADO JUNIOR, p. 121. Para o autor, a exploração de minérios, a partir do século XVIII, em nada modifica esse quadro, já que a sua produção ocorre nas mesmas bases: atividade em larga escala, na qual predomina grandes unidades e trabalho escravo.

30

PRADO JUNIOR, p. 293.

31

PRADO JUNIOR, p. 4.

32

Segundo o estudo *O rural à la guache*, de Márcia Maria Menendes Motta, essa concepção sobre o espaço e a experiência rurais estará alinhada à visão de muitos historiadores e sociólogos de corte marxista, das perspectivas as mais diferentes, ao longo dos anos de 1950 a 70. Podemos dizer que ela está na base da formação do pensamento de Antonio Candido com os autores mencionados, mas será atualizada, em outros termos, por intelectuais e acadêmicos próximos ao pensamento de Antonio Candido no mesmo momento em que ele parece radicalizar a relação subdesenvolvimento/regionalismo, com os ensaios dos anos 60 e 70, na medida em que os fatores sociais e econômicos precários daquele explicariam a “natureza retardaria” desse. O próprio uso da noção de subdesenvolvimento pelo autor sugere ser sintoma desse processo.

33

JACKSON, p. 81



centralizada no latifúndio agroexportador”³⁴. Neste sentido, a pequena propriedade conviveria com o latifúndio de modo mais ou menos isolado e mais ou menos subordinado a ele desde os tempos remotos da colonização portuguesa no Brasil. Segundo Luiz Carlos Jackson ainda, “essa civilização se constitui a partir do século XVI (sobretudo a partir do século XVIII, em São Paulo) e sobrevive com certa estabilidade até metade do século XX, quando se constata a destruição iminente”³⁵.

Nesse ponto, quero sugerir a seguinte equação em face do Antonio Candido sociólogo: a “forma” de *Raízes do Brasil*, de *Formação do Brasil contemporâneo* e também d’*Os sertões*, presente sobretudo em *Parceiros do Rio Bonito*, dimensiona, por um lado, o estudo de uma comunidade rural particular do interior de São Paulo no mesmo passo em que a integra no âmbito mais complexo do processo formativo da sociedade brasileira; por outro, essa forma, em todos os casos, é presidida pela dominante do seu conteúdo que compreende o espaço rural inextricavelmente como o lugar histórico do atraso, sem mais. Em outras palavras, a visão do sociólogo é tributária e compartilha a compreensão da tradição formativa do pensamento social brasileiro segundo a qual o campo é linha de força histórica determinante do nosso atraso. Vale salientar, no entanto, que como sociólogo, ali nos anos 50, Antonio Candido registra um comportamento de compromisso entre o analista da sociedade e o intelectual politicamente orientando à esquerda. Esse compromisso se refere à necessidade da reforma agrária diante da incorporação progressiva dos grupos rurais caipiras à esfera de influência da economia capitalista. A reforma agrária, como nota Candido na conclusão do seu livro, intitulado *O caipira em face da civilização urbana*, seria o mecanismo de planejamento racional da urbanização do campo, sem o qual, diz

34

JACKSON, p. 81

35

JACKSON, p. 82.



Revista Araticum
Dossiê Antonio Candido

Programa de Pós-graduação em Letras / Estudos Literários da Unimontes
v. 20, n. 2, 2019
ISSN: 2179-6793

59

Candido, a relação entre campo e cidade, ao menos para os de baixo, “se processará cada vez mais como um vasto traumatismo cultural e social, em que fome e anomia social continuarão a rondar o seu velho conhecido”³⁶. Assim, para Candido, “o caipira está condenado à urbanização, e todo o esforço de uma política rural baseada cientificamente (...) deve ser justamente no sentido de urbanizá-lo, o que, note bem, é diferente de trazê-lo para a cidade”³⁷. Urbanizar se traduz num complexo de modernização a partir das conquistas da técnica, da higiene, da divulgação intelectual, racionalmente orientadas, que “devem convergir para criar novos mínimos vitais e sociais”³⁸, diferentes dos analisados pelo autor.

Voltemos ao crítico literário e ao conceito de regionalismo. Como se viu acima, a noção de regionalismo é definida por certas noções e termos aproximativos que vão recortando o fenômeno, tratamento dos conceitos esse muito caro ao nosso autor que, no campo literário, se mostra sempre econômico na definição de escopos teóricos com que trabalha. A hipótese final que quero considerar é que a perspectiva do sociólogo, estudada nos termos de Luiz Carlos Jackson, mas modulada para os fins da nossa argumentação, explicita a visão histórica que subjaz ao conceito de regionalismo. Sob esse aspecto, a visão predominante de Antonio Candido sobre o regionalismo sugere ter origem no pensamento social que concebeu o espaço rural brasileiro como o lugar do atraso, do arcaísmo, dos valores rurais patriarcais e tradicionais. O pensamento do sociólogo, elaborado ao longo dos anos 40-50, parece ter não somente linhas de continuidade com a do crítico literário, mas, mais do que isso, as posições daquele indicam fundamentar social e historicamente a posição desse em face da

36

CANDIDO, 1979, p. 225.

37

CANDIDO, p. 225.

38

CANDIDO, p. 225



Revista Araticum
Dossiê Antonio Candido

Programa de Pós-graduação em Letras / Estudos Literários da Unimontes
v. 20, n. 2, 2019
ISSN: 2179-6793

60

literatura regionalista.

Para Antonio Candido, a noção de subdesenvolvimento, de atraso, que encontra a sua configuração mais duradoura e sistêmica no espaço rural, no campo, e cujas razões estão no nosso processo de formação histórico-social formulados nos termos de Sérgio Buarque e Caio Prado Junior e compartilhados por Candido, é o complementar simétrico e também a causalidade histórico-material do conceito de regionalismo. Atraso histórico-social e atraso literário se conjugam nessa perspectiva. A superação, em ambos os âmbitos, somente é possível pela incorporação progressiva aos influxos da modernização. Não se está supondo que o autor de *Formação* jogasse as suas fichas políticas no avanço da modernização capitalista como a instauração do reino de todas as igualdades possíveis. De qualquer maneira, Antonio Candido compreende, como sociólogo, que o “caipira está condenado à urbanização”, assim, como crítico, acredita que a superação do regionalismo é possível pela transcendência da “ficção pluridimensional” de Guimarães Rosa. Num caso e noutro, Antonio Candido parecia acreditar na instalação de “formas complexas” de vida social e de escrita literária, ligadas à modernidade, como superação do atraso que em certo sentido representava a vida rústica do caipira, bem como a escrita “pitoresca” e “acanhada” do regionalismo. Se a análise feita até esse ponto não é de todo equivocada, talvez se possa dizer que Antonio Candido compreendia que a “cultura rústica” não tinha o que objetar, o que oferecer, como estilo e condições de vida, como contraponto, como resistência às formas impessoais, dessolidarizadas e iníquas da modernidade capitalista; do mesmo modo, a literatura regionalista, em seu conjunto, é uma experiência literária precária, com pouca força estética para enunciar a matéria rural que pretende figurar. A “herança rural”, com todas as suas implicações, sugere ser, para o nosso autor, o elemento estruturante dessa fraqueza generalizada.



Revista Araticum
Dossiê Antonio Candido

Programa de Pós-graduação em Letras / Estudos Literários da Unimontes
v. 20, n. 2, 2019
ISSN: 2179-6793

61

Referências Bibliográficas

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 5 ed. São Paulo: Nacional, 1976.

CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito: estudos sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. 5 ed. São Paulo: Duas Cidades, 1979.

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.

CANDIDO, Antonio. *Textos de intervenção*. (Org. Vinicius Dantas) São Paulo: Duas Cidades; 34, 2002.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. 10 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 19 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

JACKSON, Luiz Carlos. *A tradição esquecida: Os parceiros do Rio Bonito e a sociologia de Antonio Candido*. Belo Horizonte: UFMG; São Paulo: FAPESP, 2002.

JAMESON, Fredric. *Marxismo e forma: teorias dialéticas do século XX*. Tra d. lumna Maria Simon (coord.). São Paulo: Hucitec, 1985.

MOTTA, Márcia Maria Menendes. *O rural à la guache*. Niteroi: UFF, 2014.

PRADO JUNIOR, Caio. *Formação do Brasil contemporâneo: colônia*. São Paulo: Brasiliense, Publifolha, 2000.

Breve currículo do autor

Fernando Cerisara Gil é doutor em Teoria Literária e História da Literatura pela Universidade Estadual de Campinas, professor de Literatura Brasileira da



Revista Araticum
Dossiê Antonio Candido

Programa de Pós-graduação em Letras / Estudos Literários da Unimontes
v. 20, n. 2, 2019
ISSN: 2179-6793

62

Universidade Federal do Paraná e pesquisador do CNPq. Publicou *O romance rural* (UFG), *Do encantamento à apostasia: a poesia brasileira de 1880 a 1919* (UFPR) e *Ensaio sobre a formação do romance Brasileiro: uma antologia* (UFPR).